

QUEM TEM BOCA E NÃO É DO INFERNO, CALA

Giovani Roberto Gomes da Silva (UERJ)
giovani.rgsilva@gmail.com

A presente comunicação se recusa a seguir as tendências atuais de apagamento dos estudos coloniais e por consequência da sátira atribuída a Gregório de Matos, e mergulha no seiscentos com o objetivo de observar o uso de uma metáfora pela [ou pelo] Boca do Inferno, comparando-a com seu uso por satiristas portugueses de seu tempo. Outro fator digno de nota é que não busca na lenda um paladino do futuro, galgando degraus na direção de uma nacionalidade que até os dias de hoje é questionável, e sim um corpo de poemas a ele atribuído, dirigido pelo conceito de auctoritas. Sobre tal conceito, João Adolfo Hansen diz que “De fato, é impossível negar a existência de padrões retóricos e a operação de tipos, caracteres, ações e paixões precodificados de uma jurisprudência de imitação das autoridades de vários gêneros” (HANSEN, 2001, p. 23). Dessa maneira, a sátira aqui estudada é legitimada pelas vozes de poetas lusitanos e espanhóis como Gôngora e Quevedo e pela vontade maior do Estado, em um aspecto mais amplo. O Estado seiscentista, reflexo de seu tempo, usa o poder do riso como ferramenta para seus desígnios e encontra na sátira aqui estudada um meio através do qual pode se manifestar com eficiência e, principalmente, discrição.

Palavras-chave: Retorica. Sátira. Gregorio de Matos.